

## SONORIDADES, ESCUTAS E APRENDIZADOS DE ANTROPOLOGIA COM O USO DE PODCASTS EM SALA DE AULA

Anita Ferrari<sup>1</sup>  
Daniela Manica<sup>2</sup>  
Soraya Fleischer<sup>3</sup>

### Resumo

Este artigo analisa a percepção ativa dos sons e da escuta por estudantes ao ouvir um podcast no contexto de aprendizagem de Antropologia. Parte-se aqui da escuta de um podcast que aborda temas pertinentes à Antropologia e às Ciências Sociais: o *Mundaréu*. Ele foi inserido em 14 disciplinas ofertadas na Universidade de Brasília no ano de 2020, em um experimento realizado pela própria equipe do *Mundaréu*. A equipe levou episódios do podcast para que as estudantes escutassem e discutissem posteriormente em sala de aula os temas pertinentes à matéria e ao episódio. Dessa experimentação, foram reunidos dados, dentre um formulário com 122 respostas, uma avaliação da experiência com 35 respostas e uma terceira avaliação específica, de uma disciplina, com 38 respostas das estudantes, que serviram de guia para esta pesquisa. Com isso, pretende-se evidenciar as possibilidades que a escuta dos podcasts oferecem para entender mais “de perto” histórias e experiências que aproximam os alunos do conhecimento na prática, no cotidiano.

**Palavras-chave:** Podcast. Som. Escuta. Educação. Antropologia sonora.

## SONORITIES, LISTENING AND LEARNING ANTHROPOLOGY WITH THE USE OF PODCASTS IN CLASSROOMS

### Abstract

This article analyzes the active perception of sounds by students listening to a podcast in the context of learning about Anthropology. It starts from the listening of a podcast that deals with themes relevant to Anthropology and Social Sciences: *Mundaréu*. This podcast was inserted in 14 courses offered at the University of Brasilia in 2020, in an experiment conducted by the *Mundaréu* team. The team took episodes of the podcast so that the students could listen to it and discuss later in class the themes related to the subject and the episode. From this experimentation, data was gathered, among a form with 122 answers, an evaluation of the experience with 35 answers, and a third specific evaluation, of a discipline, with 38 answers from the students, which served as a guide for this research. With this, we intend to highlight the possibilities that listening to podcasts offers to understand more "closely" stories and experiences that bring students closer to knowledge in practice, in everyday life.

**Keywords:** Podcast. Sound. Listening. Education. Anthropology of sound.

*Recebido em: 31 de janeiro de 2023*

*Aceito em: 21 de março de 2023*

---

<sup>1</sup> Universidade de Brasília, Brasil. E-mail: [anita.ferrari154@gmail.com](mailto:anita.ferrari154@gmail.com). Número Orcid: 0000-0002-3293-4591.

<sup>2</sup> Universidade de Campinas, Brasil. E-mail: [dtmanica@gmail.com](mailto:dtmanica@gmail.com). Número Orcid: 0000-0001-8014-9996.

<sup>3</sup> Universidade de Brasília, Brasil. E-mail: [fleischer.soraya@gmail.com](mailto:fleischer.soraya@gmail.com). Número Orcid: 0000-0002-7614-1382.

## 1 Introdução<sup>4</sup>

O podcast existe há bastante tempo e pode ser definido como um arquivo de áudio digital disponibilizado na internet e passível de *download*, podendo ser ouvido a qualquer hora em qualquer lugar. Como bem descreve Porto (2012), o surgimento do podcast é fruto da transformação do rádio, em um contexto de plena convergência de mídias, com a chegada de novas tecnologias na segunda metade do século XX, em especial a televisão. Embora não tenha substituído completamente os programas de rádio, o podcast é consequência da flexibilização dos moldes de produção de conteúdo radiofônicos, já que a chegada da internet na década de 1990 permite com que a informação passe a ser transmitida de “ponta-a-ponta”, expandindo, acelerando e intensificando as trocas. A TV, nesse contexto, trouxe os conteúdos de imagem, uma revolução aos olhos que criou novas necessidades, gostos e preferências de consumo. Assim, o podcast insurgiu aos poucos como uma mídia manejável, não mais prendendo o ouvinte a um contexto espaço-temporal rígido e determinado, mas permitindo o que indica o seu significado, “pod” - “program on demand”.

A grande popularização desse tipo de programa nos últimos tempos, principalmente em meio à era de pandemia do covid-19, revela as novas necessidades de quem os escuta: a de realizar outras atividades em paralelo, que exijam a movimentação da ouvinte ou que permitam também lazer, relaxamento ou mesmo mais concentração. Limpar a casa, lavar a louça, fazer alguma atividade física, o tempo no caminho para o trabalho, meditar, aprender e praticar um novo idioma são alguns exemplos dessas necessidades. Podcasts também são muito utilizados como ferramenta do jornalismo, desde debates esportivos aos políticos. Lundström e Lundström (2021), por exemplo, apresentam o impacto da produção dos programas em áudio na política e na opinião pública na Suécia. Os autores analisaram como um grupo radical de direita atuou e cresceu ao longo dos anos por meio da produção dos podcasts.

Também se constata cada vez mais o uso do podcast em sala de aula como ferramenta pedagógica, a exemplo de Ribas e Noronha (2022), em artigo que discute o podcast como ferramenta didática e a importância do uso da oralidade e dos conteúdos auditivos nas aulas de Antropologia (*ibid.*: 4). Além disso, outras autoras como Fleischer e Manica (2020) destacam como a escuta de podcasts se intensificou durante a pandemia de covid-19 como uma alternativa para “desafogar os olhos” das telas, redes sociais, textos e aulas online, possibilitando também

---

<sup>4</sup> O Mundaréu é apoiado pelo Departamento de Antropologia, PIBIC e CEAD na Universidade de Brasília; pelo PROEX, NUDECRI, SAE e LABJOR na Unicamp. Agradecemos também as leituras atentas que este texto recebeu da equipe do Mundaréu.

outras maneiras de aprender e manter contato com o conteúdo da disciplina, mesmo à distância. Também relatam sobre o expressivo aumento da criação de novos podcasts na área da Antropologia nesse período. As autoras explicam como o formato narrativo, mais rápido e menos hermético dos programas é uma forma de comunicar, traduzir e popularizar o conhecimento da área (*ibid.*: 50).

Os formatos de podcasts fazem-se variados e incluem desde bate-papos, rodas de conversa e mesas de debate a entrevistas e monólogos. As abordagens são igualmente diversas, e a depender do assunto e do nível de descontração, tornam-se podcasts de entretenimento, de veiculação de notícias, de educação, científicos, astrológicos e muitos outros, dentre as várias possibilidades. O Mundaréu é um tipo de podcast científico que discute a Antropologia, seus conceitos, metodologias, histórias, experiências e tensões. Ele visa atingir não somente uma comunidade acadêmica e de estudantes da área, como também outras partes da sociedade. O Mundaréu<sup>5</sup> surgiu em 2019, a partir de uma parceria entre duas antropólogas e amigas de universidades distintas, Soraya Fleischer, da Universidade de Brasília (UnB) e Daniela Manica, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Além de conceber, produzir e coordenar a equipe interinstitucional, elas também são as apresentadoras do programa.

Desde então, o Mundaréu foi agregando estudantes das duas universidades em sua equipe de produção, tanto do nível de graduação quanto da pós-graduação. Isso possibilitou também um trabalho de aprendizado, pesquisa e extensão que resultou em diversos artigos, como este, inclusive. A equipe também produziu resenhas, entrevistas, apresentações em congressos e a participação em outras redes de *podcasting* científico. Em especial, a equipe de estudantes do Mundaréu tem produzido desde 2020 uma minissérie, “Mundo na sala de aula”, visando estudantes de Ciências Sociais e Antropologia como público preferencial. Ao longo do seu primeiro triênio (2019-2021), o Mundaréu acumulou diversos dados, como arquivos de áudio, transcrições, roteiros de episódios, edições, publicações e uma bibliografia a respeito do *podcasting*. Os dados aqui analisados também foram produzidos nesse período.

Neste artigo, vamos analisar um conjunto específico desses dados. Em 2020, a equipe realizou o projeto intitulado “O que faz a Antropologia? Desenvolvimento e estruturação de um podcast como um recurso digital de apoio ao ensino e à aprendizagem”, com apoio do Centro de Educação à Distância (CEAD/UnB). Duas temporadas, a primeira temporada do Mundaréu, de 2019 e 2020, com 8 episódios, e a primeira temporada do Mundo na Sala de Aula, de 2020,

---

<sup>5</sup> O Mundaréu também faz parte de uma rede de podcasts de Antropologia e das Ciências Sociais chamada Rádio Kere-Kere ([radiokerekere.org](http://radiokerekere.org)). A rádio aproxima pesquisadoras, professoras e o público acadêmico em geral, de universidades e núcleos de pesquisa diversos.

com 6 episódios, foram oferecidas como material didático para disciplinas ofertadas na área da Antropologia naquele semestre da UnB. Eram disciplinas de várias unidades acadêmicas distintas, como o Departamento de Antropologia (DAN), o curso de Educação no Campo na Faculdade de Planaltina (FUP) e os dois cursos de Saúde Coletiva do Departamento de Saúde Coletiva e da Faculdade de Ceilândia (FCE) (Ribas e Noronha, 2022). As atividades e ações do projeto, registradas e documentadas pela equipe, serão aproveitadas aqui especialmente para analisar como o material sonoro produzido por este podcast e a atividade da escuta durante as aulas incidiram sobre o aprendizado das estudantes.

Algumas discussões no Brasil vão nos ajudar, particularmente as pesquisas sobre o som e as etnografias do som, da música e da chamada etnomusicologia. Obras como as de Feld (1984) e Seeger (1987), em diálogo com os estudos centrados no som, mostram como o foco sai da visão e centra-se na audição, a partir da qual busca-se interpretar o sentido das músicas, as percepções acerca dos sons e a forma como esses sons, cantos e músicas produzem e reproduzem símbolos, estruturas e instituições nos contextos dos quais fazem parte. Bastos (1995) ajuda a consolidar a área chamada de Etnomusicologia, discutindo também os efeitos e sentidos que a música ocidental tem para ouvintes, teóricas e antropólogas. Cardoso de Oliveira (1996) também discute os lugares da escuta, da visão e da escrita no decorrer do trabalho antropológico e a importante conjunção entre visão e audição no ato de fazer pesquisa de campo.

Vedana (2010) aproveita esse acúmulo do século passado e traz à tona uma forma de fazer etnografia em meios urbanos que focaliza os sons, os ruídos e os ritmos, para percebê-los como parte das expressões simbólicas e culturais da vida cotidiana (*ibid.*: 3). Aqui, os conceitos de “paisagem sonora” (Schafer, 1977) e “ambiência sonora” serão muito úteis. Ingold (2008) também nos fornecerá outras perspectivas acerca do que é ver e ouvir, atentando-se para a presença dos demais sentidos. Com isso, ele aprofundará nossas percepções sobre como atribuímos significado a esses sentidos, retomando também produções teóricas de diversas épocas e defendendo uma posição principal: a de que a atividade da percepção ocorre com o corpo todo, conectado e em movimento, existindo no mundo, no ambiente.

Outras etnografias sobre o som nos acompanharão aqui, como o trabalho de Campos (2020), que acompanha turmas de orquestra na Escola de Música da UFRJ, em especial percebendo como é a formação de um regente de orquestra. Porto (2012) também discute como as tecnologias antigas e novas, rádio e *podcasting*, convergem no contexto de narrativas transmidiáticas, gerando novas formas de comunicação.

## **2 O projeto “O que faz a Antropologia? Desenvolvimento e estruturação de um podcast como um recurso digital de apoio ao ensino e à aprendizagem”**

Em 2020, junto ao Centro de Educação à Distância (CEAD/UnB), a intenção principal de nossa equipe foi experimentar o uso de episódios do *Mundaréu* e da minissérie *Mundo na sala de aula* em disciplinas da UnB. Fizemos convites e 13 professoras aceitaram o desafio e incluíram em seus programas de curso os episódios. A escuta e discussão dos episódios teriam a finalidade de oferecer mais formatos para aprofundar o conteúdo, complementar textos ou outros materiais utilizados nas aulas e adotar e/ou testar novas estratégias pedagógicas. Os episódios foram ouvidos antes, durante ou depois das aulas pelas estudantes e discutidos em uma aula reservada entre a turma, a professora e uma dupla de estudantes da equipe do *Mundaréu*. O debate sobre os episódios poderia acontecer nessa aula ou, por exemplo, ser conduzido por exercícios escritos ou de áudio para serem realizados em casa. Tendo em mente que 2020 foi o ano de início da pandemia de covid-19, as aulas aconteceram de modo remoto e online, através de plataformas de videochamadas e por meio da troca de emails e mensagens entre a equipe do *Mundaréu*, as professoras da UnB e suas respectivas turmas.

As 13 professoras eram da área de Antropologia ou utilizavam a Antropologia como conteúdo norteador nas disciplinas. Uma professora estava a cargo de duas disciplinas e, portanto, o podcast foi usado como material didático em 14 disciplinas, a saber: “Introdução à Antropologia” (quatro turmas), “Antropologia da Saúde”, “Antropologia do Corpo e da Pessoa”, “Antropologia da Morte”, “Antropologia e Mercado de Trabalho”, “Sociedades Indígenas”, “Métodos e Técnicas em Antropologia Social”, “Ciências Sociais em Saúde”, “Pesquisa Social em Saúde”, “Saúde e Sociedade 2” e o “Programa de Extensão Diálogos Universidade-Escola”. As aulas foram planejadas entre as professoras, suas monitoras e a equipe do *Mundaréu*. Assim que a docente tivesse definido em qual unidade do programa gostaria de usar um episódio, a equipe do *Mundaréu* fazia sugestões de episódios que poderiam dialogar com aquele conteúdo, bem como sugestões de uso do material (em que momento usar, com qual material complementar, a partir de qual dinâmica em sala de aula etc.). Estava previsto que a dupla da equipe do *Mundaréu* que se encarregasse do experimento naquela disciplina, apresentasse à professora um plano de aula.

Dentre vários materiais construídos ao longo daquele semestre de 2020, no presente artigo, analisaremos três deles, a saber:

- A. A equipe do *Mundaréu* elaborou um conjunto de cinco perguntas abertas sobre o uso de podcast como material didático. As perguntas foram enviadas às estudantes e obtivemos

35 respostas, de cinco disciplinas diferentes: “Saúde e Sociedade 1” e “Pesquisa Social em Saúde” (do curso de Saúde Coletiva), duas turmas de “Introdução à Antropologia” e “Antropologia e Mercado de Trabalho” (do Departamento de Antropologia).

- B. Também foi elaborado previamente um roteiro com perguntas amplas acerca da experiência de usar o podcast. As perguntas eram sobre a voz, as músicas e os sons do podcast, além de perguntas sobre outras formas de consumir podcasts fora do espaço da sala de aula. Uma primeira versão deste formulário, até então com as respostas abertas, foi melhor estruturada e transformada em um formulário online com 21 questões, em sua maioria de múltipla escolha, o que facilitou que mais estudantes respondessem. Tais questões podem ser agrupadas nos seguintes temas: i) dados de identificação do curso e da disciplina; ii) hábitos de escuta de podcasts; iii) qualidades técnicas, vocais e sonoras do episódio escutado e iv) o aprender com um podcast e com a escuta. Este questionário obteve 122 respostas de estudantes.
- C. A terceira e última fonte de dados é uma questão aberta, “Como a escuta é uma forma de aprender Antropologia, o que entendemos melhor pela audição?”. Ela foi respondida por 38 estudantes de uma turma de “Introdução à Antropologia” e fez parte de uma atividade avaliativa feita pela professora dessa disciplina. As respostas foram discursivas e um texto foi o guia para a reflexão das estudantes: “O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever”, de Roberto Cardoso de Oliveira (1996).

### 3 Contexto geral

Das 14 disciplinas que receberam o projeto, 10 eram de Antropologia. 63% dos estudantes que participaram estavam matriculados em “Introdução à Antropologia”, uma “disciplina de serviço”, como chamamos na UnB, já que é obrigatória para muitos outros cursos além das Ciências Sociais. Mas havia também uma expressiva presença de estudantes de Saúde Coletiva. Foram registrados estudantes de 26 cursos distintos (bacharelados e licenciaturas) da UnB, dos quais pode-se dizer que a maioria era de Ciência Política (21,3%), seguidos por Saúde Coletiva (15,6%), História (9,8%) e Ciências Sociais (9%). De modo majoritário, 43,8% haviam ingressado no semestre letivo vigente à época, o primeiro de 2020. Eram, portanto, “calouros” ou “bichos”, como se diz.

De todas essas estudantes, a maioria nunca havia cursado uma disciplina na qual os podcasts fossem usados como material didático. Das 122 respostas, 105 foram “não” para a

questão, isto é, 86% das estudantes que responderam. Os 14% restantes (17 pessoas) afirmaram terem ouvido podcasts, especialmente na disciplina “Elaboração de Trabalho Científico”.

Com relação à frequência com que costumavam ouvir podcasts em seu cotidiano, observou-se o seguinte:

**Tabela 1 — Frequência com que ouvem podcasts**

<b>Frequência</b>	<b>Respostas</b>
diária	14 respostas (11,5%)
semanal	46 respostas (37,7%)
quinzenal	12 respostas (9,8%)
mensal	24 respostas (19,7%)
anual	11 respostas (9,0%)
nunca	15 respostas (12,3%)

Fonte: elaborado pelas autoras.

Isso mostra que a maioria das estudantes que responderam ao formulário está conectada à podosfera, ouvindo ao menos uma vez por semana, seguida por uma outra parcela que costuma ouvir mais espaçadamente, de modo mensal. No entanto, boa parte também mostrou não ter nenhum costume de acessar os programas e uma parcela menor ouve apenas anualmente ou nunca (no total, 21,3%).

Além disso, dentre essas ouvintes mais assíduas, os podcasts mais escutados são: de jornalismo (“O Assunto”, “Café da Manhã”, “Foro de Teresina”, “Xadrez Verbal”, “Mamilos”), histórias (“Não Inviabilize”, “Afetos”, “Infiltrados no Cast”), educação e política (“História no Cast”, “AntiCast”, “Infiltrados no Cast”). Podcasts em línguas estrangeiras também foram mencionados: de histórias (“Welcome to night Vale”), mitologia grega e romana (“Let 's Talk About Myths”) e comédia (“Off menu”). Percebemos aqui que os interesses e gostos são diversificados, mas ao mesmo tempo, se encontram na escolha de temas da política, notícias e questões sociais, bem como de entrevistas, histórias, fofocas, bate-papos, conversas, humor, mitologia.

Perguntamos onde esses estudantes costumavam ouvir os podcasts, e muitos lugares foram lembrados e eles puderam escolher várias das opções que sugerimos. A grande maioria afirmou ouvi-los em casa (72,3%), mas também no ônibus (14,8%), no trabalho (4,5%) e nos espaços para realizar atividades físicas (2,6%).

Quisemos saber com quem ouviam os podcasts, no que também foi possível marcar mais de uma resposta. Quase todo mundo relatou ouvir *sozinho* (94,4%). Uma estudante ouvia

com colegas de quarto/apartamento - (0,8%), três ouviam com companheiros (2,4%) e três tinham a família nuclear como companhia (2,4%). Isso mostra uma audição individual, seja em momentos de relaxamento, seja durante a realização de outras atividades.

Algumas das características relacionadas ao som, como entonação das vozes, falas, sotaques, cadência, pausas, silêncios, músicas, efeitos sonoros e duração dos episódios foram mais amplamente abordadas por duas perguntas: “As apresentadoras e apresentadores do Mundaréu falam com uma dicção: ótima (72%); boa (27%); razoável (0,8%)” e “As músicas atrapalham ou ajudam no acompanhamento dos episódios?": ajudam (91%); atrapalham (8%). Esses dados ajudam-nos a perceber como os episódios promovem e facilitam a concentração e compreensão dos ouvintes sobre o que estava sendo falado, discutido e articulado. De modo geral, o recurso de utilizar músicas em transições de falas, assuntos ou de blocos do roteiro contribuem para envolver a ouvinte na atmosfera da conversa, além de evitar o monólogo ou a distração ao escutar as pessoas falando por muito tempo. As músicas, além do mais, também animam e criam uma identidade para o podcast no caso da vinheta e sugerem ambientações sonoras para assuntos específicos, por exemplo. Se bem inseridas de modo a não concorrer com o que é dito, elas podem ajudar a criar uma maior interatividade com o programa e imersão das ouvintes nos episódios.

#### **4 Qual é a diferença entre aprender com material escrito e material de áudio?**

A partir dessas informações, podemos visualizar um panorama de como é a relação das estudantes com o uso dos podcasts em seu dia a dia e na sala de aula. Antes de introduzir os dados de cada questão, adiantamos que as respostas serão tratadas em duas vertentes. A primeira, centrada nas reflexões sobre o que é “ouvir” a partir da escuta dos episódios; e a segunda, sobre o ato de aprender Antropologia escutando.

A pergunta “Que diferenças você nota entre aprender com um material escrito e um material de áudio?”, foi respondida por 122 estudantes e é possível perceber algumas ideias gerais sobre a questão. A primeira delas é a de que o áudio permite maior dinamicidade e fluidez ao aprendizado, deixando o estudo menos monótono, já que diversifica os materiais didáticos. Também facilita compartilhar com amigas ou colegas de curso as histórias que estão sendo contadas. Além disso, o áudio é entendido como uma ferramenta que aproxima a ouvinte das experiências de quem fala, tornando o espaço de escuta um lugar de intimidade.

Dito isso, o entendimento sobre o ouvir apareceu de três formas: i) o ouvir faz-se presente por meio de um sentido próprio, pois carrega suas especificidades sonoras e

simbólicas; ii) ele é complementar ao olhar; e iii) é recíproco a este, sem hierarquia. Aqui, um debate entre “texto vs podcast” atua como uma reencenação do debate entre “olhar vs. ouvir”, muito presente entre antropólogos em meados das décadas de 1980 e 1990, que discutiam a “etnomusicologia”, ou Antropologia da Música, e isso será abordado logo adiante.

Os ouvintes também costumam gerar e acessar *links* agregados aos episódios que expandem ainda mais o universo da escuta e da comunicação, pois agregam outras informações e conhecimentos, com textos, imagens, sons e vídeos àquilo que foi ouvido. É o que Assis (2011) chama de hiperlinks e hipertexto, sendo o podcast um hipertexto.<sup>6</sup> Além disso, um podcast geralmente traz, além de intertextualidades, intertexturalidades, com timbres de vozes diversas, músicas, efeitos sonoros, trechos de livros, filmes, poemas (Fleischer; Manica, 2020), os quais efetivamente constituem a paisagem sonora do podcast. Alguns relatos são bem interessantes para pensar como o ouvir é entendido como um sentido próprio:

No material de áudio, você se sente muito mais próximo, como se estivesse até vivendo a experiência ou em sala de aula tendo aula, coisas que o material escrito não proporciona. (estudante de Ciência Política, na disciplina “Introdução à Antropologia”).

O áudio tem mais emoção, mais cor. (estudante de Antropologia, na disciplina “Antropologia da Saúde”).

Ao ouvir, de certa forma, se cria uma ideia de participação no evento de campo que a escrita não permite - a voz, a forma de falar, as palavras ditas dão um novo sentido e uma nova interpretação ao fato. (estudante de História, na disciplina “Introdução à Antropologia”).

Por meio do áudio, os estudantes afirmam ser mais fácil visualizar o que é dito, o que torna o conteúdo mais acessível, didático, interativo e fácil de compreender, humanizando o aprendizado. Mas nos atentemos também ao seguinte relato, no qual a ideia de escuta e leitura, de ouvir e ver são tomadas como complementares: “Acho que os dois se complementam. O podcast, por ser uma ferramenta oral, torna mais fácil a compreensão de um texto que tem uma leitura mais densa e complexa” (estudante de Relações Internacionais, na disciplina “Introdução à Antropologia”).

Por outro lado, algumas pessoas sentem dificuldade em manter a atenção presa apenas no áudio e se atêm mais ao estímulo visual do texto na hora do estudo:

---

<sup>6</sup> Geralmente, um episódio de podcast possui uma descrição de seu conteúdo ou tema, podendo incluir também hiperlinks que dão acesso a outros canais, redes, plataformas, notícias e informações. Desse modo, Assis sugere que no processo de produção de podcasts, muitos *podcasters* incluem trechos e links de outros programas em seus próprios, no que os ouvintes acabam criando uma lógica própria de acesso e compartilhamento.

Pra mim, aprender com áudio demanda uma atenção dobrada, uma vez que ouço podcasts enquanto faço outras coisas. Diferentemente de quando estou lendo um texto. (estudante de Antropologia; na disciplina de “Antropologia e Mercado de Trabalho”).

Pessoalmente, eu tenho um pouco de dificuldade de me concentrar com um material apenas em áudio (talvez eu esteja muito condicionado à visão, que me prende mais). Talvez também seja uma questão geracional, imagino que alunes mais novos possam se sentir mais confortáveis com podcasts. Me parece que a leitura demanda uma atenção mais intensa, e, nisso, o foco não é "disputado" por outros estímulos externos. Eu sinto que somente o áudio, por outro lado, "disputa" a atenção com a visão. Percebi então que uma opção mais possível de me concentrar em podcasts é realizar outra atividade um pouco "mecânica", como limpar a casa ou fazer algum exercício. (estudante de Ciência Política; na disciplina de “Introdução à Antropologia”).

Esses relatos são interessantes não só para notarmos as dificuldades e opiniões diversas dos estudantes com a experiência de estudar de outra forma, mas de observar também a interdependência dos sentidos - visão, tato, escuta, paladar, olfato, dentre outros - no ato de conhecer. O estímulo visual pode ser uma questão de costume, já que habitamos uma era com grande quantidade de estímulos de imagem, como propagandas, internet, TV, cinema, *outdoors*, etc. Não nos acostumamos a apenas ouvir, e geralmente buscamos algum outro estímulo que nos ajude a concentrar no áudio. Porém, a depender do tipo de áudio que se escuta, como o Mundaréu, que traz assuntos, histórias e debates mais densos, realizar uma atividade paralela pode atrapalhar a escuta, o que provavelmente é o caso dos estudantes acima. O contar histórias pressupõe, aqui, como já falado, a ideia de criar paisagens sonoras (Vedana, 2010), que são as imagens que criamos em nosso cérebro dos lugares e seus limites, através do estímulo contínuo aos ruídos, sons, falas e músicas que circundam os ambientes. Ou seja, sons também podem criar imagens, não necessariamente substituem ou interrompem as imagens.

Além disso, a dificuldade em concentrar-se está relacionada a uma questão de atenção no processo de aprendizado. Kastrup (2004) nos mostra como o processo de aprender não é simples e linear, mas um caminho múltiplo em que coexistem processos cognitivos paralelos e simultâneos. O ato de aprender, segundo ela, é propriamente uma atividade de treino e estímulo da nossa atenção e da nossa capacidade inventiva. Nossa dificuldade em focalizar a atenção, principalmente na era tecnológica atual, diz respeito, assim, a um excesso de informação, no qual não colocamos em prática uma cognição inventiva, mas o contrário: tentamos focalizar em muita coisa ao mesmo tempo em um fluxo contínuo de atenção fugaz, vendo muitas coisas sem ver, de fato (*ibid.*: 14). Apesar dessa ideia de estímulo, autores como Tim Ingold defendem a ideia de que o estímulo parte na verdade da relação entre a percepção e o movimento ao redor,

o ambiente, os objetos. Entender de onde parte o estímulo, portanto, pode nos ajudar a alongar ou estender a percepção para algo, como os nossos ouvidos para a escuta.

Aquilo que vemos, nesse sentido, muda a depender do que focalizamos com os olhos ou com a atenção. Do mesmo modo, segundo Ingold (2008), para ouvir também dependemos de foco, ou seja, de levarmos nossa atenção para a experiência sonora, o que nos sugere que a experiência de ver e de ouvir fazem parte de uma mesma experiência de ser e de estar no mundo, já que percebemos e agimos com o corpo todo, como sugere o antropólogo. Assim, a dificuldade referida pelo estudante em concentrar-se somente na audição pode ser um convite não só para colocar em prática e/ou perceber o foco da escuta, como também para perceber que nunca estamos *apenas* escutando, mas conjugando diversos sentidos. Podemos então começar a perceber como visualizamos aquilo que ouvimos, ou como sentimos uma resposta física àquilo que escutamos, ao sentir arrepios a uma fala e até mesmo cheiros ou gostos quando alguém menciona um lugar específico, uma comida ou uma sensação. A própria forma de falar de uma pessoa, como seu sotaque, sua cadência, seu tom e entonação de voz podem nos causar as mais diversas sensações.

Além disso, as dificuldades relatadas pelas das estudantes nos levam a propor uma potente conjugação entre ouvir o áudio e realizar uma atividade paralela que ajude nessa concentração, como caminhar, lavar louça, realizar alguma atividade física, desenhar, colorir, escrever ou tomar notas do que se ouve. Isto porque o estudo que permite conjugar os sentidos oferece uma liberdade criativa positiva e eficiente para o aprendizado. Assim, o aprendizado se torna, essencialmente, o ato de inventar, na medida em que o estudante focaliza a atenção através do exercício dos sentidos. O podcast pode ser, nessa linha, uma ferramenta chave para o aprendizado ao possibilitar diversas formas de uso, de apreensão e de percepção.

O ato de inventar, isto é, de aprender, relaciona-se à atenção, que é levar foco aos sentidos. Isso nos é relevante pois vai ao encontro da ideia de que treinar a atenção da escuta a partir do podcast incentiva a cognição inventiva, como define Kastrup, criando presença e engajamento na relação de ensino-aprendizagem. Ouvir podcast, assim, é uma forma de refinar o que os ouvidos ouvem, que tipos de sons eles captam, e atualizar nossa concepção sobre escuta. É, também, atentar-se para as demais sensibilidades corporais, sentidas e construídas coletivamente. Debruçando-nos sobre essas percepções podemos entender melhor o aprendizado pela escuta e o decorrente aprendizado da disciplina antropológica (como ciência que se debruça, por sua vez, sobre as práticas coletivas, culturais, sensíveis).

#### **4.1 A Antropologia do som no aprendizado pela escuta**

A partir disso, sobre o debate “ouvir vs. ver” dentro da Antropologia do Som ou Etnomusicologia, Bastos (1995) analisa a história da Etnomusicologia e sua formação como disciplina, abordando seus dilemas dentro do campo antropológico e sociológico. Ele afirma que o termo “etnomusicologia” como definidor da disciplina é sociologicamente ambíguo, o que dá origem a um paradoxo

[...] pois procura, como logia que intenciona ser, a inteligibilidade dentro da quadra — a Arte — atribuída no Ocidente ao sentir. Isto ela ainda mais extremiza quando, enquanto também "parte" da Antropologia (uma Ciência Social) que aspira ser, vai buscar esta inteligibilidade no social (dos ethne). Mas a música, sua âncora mais funda, está no território que o pensamento Ocidental consagrou ao indivíduo ou — quando ao social— sempre à sua sensibilidade, nunca à inteligibilidade sua. Ademais, este social que a Etnomusicologia busca não se encontra no terreno do familiar (do "nós"), mas no da extrema alteridade, paradoxo que arremata a natureza ambígua da inclusão musical-artística da disciplina. (Bastos, 1995: 29-30).

Ou seja, a disciplina da Antropologia da Música encontra, ao menos nas produções mais antigas, esta dualidade entre buscar, por meio da justificativa da arte, ligada aqui à sensibilidade, interpretações para o “social”, como regras, mitos e estruturas de pensamento. Por outro lado, como parte de uma Antropologia, parte justamente do social para analisar o “musical” e o “artístico”, mas ligado novamente ao sensível e não ao suposto inteligível. O arremate, segundo Bastos, se dá pelo fato de que, mesmo partindo do social, é na música, ou mais ainda nos “sons” que a disciplina se atém de modo mais profundo, por isso, o foco recai novamente no ouvido e nas sensibilidades “artísticas” ligadas a esta atividade. Portanto, prioriza-se a capacidade de perceber os sons e de ligá-los a sentimentos, emoções ou a explicações “menos racionais” do que aquelas até então preferidas pelas ciências humanas. Dá-se um debate sobre o uso dos sentidos no trabalho de campo e, posteriormente, na tradição da “antropologia dos sentidos” sobre como os usamos a todo momento, como parte de um estado de ser e estar no mundo, e conseqüentemente, de captar e perceber este mundo. Aqui, é especialmente na teoria cartesiana e nas elaborações da física sobre o que é ver e ouvir (ver ‘luz’ enquanto ‘lúmen’, e ouvir ‘som’ enquanto ‘onda sonora’) que a separação entre o subjetivo, pessoal, interno e artístico e o racional, inteligível e científico ganharão forma.

Damos mais dois exemplos de antropólogos da tradição etnomusicológica para percebermos seus modos de interpretar a música ou os sons em determinado contexto social. Steven Feld (1984) procura entender como os Kaluli da Papua Nova Guiné percebem e “organizam os sons” que ouvem na natureza ou que produzem através da fala, dos cantos e dos

instrumentos musicais. A partir dessa observação, ele tenta descrever a “performance sonora” Kaluli e atribui interpretações a tais descrições. Passa então a identificar estruturas de pensamento, formas de expressão e metáforas Kaluli. Isso é o que Feld chama de uma “sociomusicologia comparativa”, isto é, a análise e a comparação detalhadas de dados a respeito das músicas ou dos sons de um povo que partem de seus aspectos sociais, devidamente situados histórica e etnograficamente (1984: 181).

Anthony Seeger (1987), diante dos cantos dos Kísêdjê, da região do Xingu no Mato Grosso, analisa os aspectos musicais do rito da Festa do Rato e descreve estruturas de nomes e nomeações, palavras, fonemas e ações sonoras, concentrando-se justamente no “porquê” destes sons, isto é, nos sentidos que eles assumem naquele contexto. Ele pretende alegar, por conseguinte, como as “performances musicais” criam diversos aspectos da cultura e da vida social (*ibid.*: 14). Desse modo, Seeger também centra sua investigação naquilo que enfocamos aqui até agora: no ouvido e na escuta. Lembro, voltando ao podcast, das especificidades que assumem os sons, as falas, as músicas, os sotaques e os efeitos sonoros na nossa escuta e o modo como as estudantes notaram isso em suas respostas. Para além da percepção da dicção das apresentadoras como *boa/ruim* ou da presença das músicas nos episódios, as estudantes puderam perceber como o ouvir os conecta a uma dimensão mais profunda das histórias contadas, dos casos relatados e comentados. Notar os sotaques e a cadência das falas é também acessar o simbólico do discurso que se pronuncia, é acessar, em parte, aquilo que estrutura a experiência e a visão de mundo de quem fala. Sendo assim, denotar modos de pensamento, posicionamentos, sentimentos, emoções, opiniões discordantes ou não, profundidade e envolvimento com as histórias são características próprias do ouvir que podemos perceber.

Ainda assim, há a questão do ouvir como complementar ao olhar e não hierarquizado a ele. Um ponto importante a se destacar é que essa tradição de antropólogos e etnografias parece desconsiderar a presença e os significados da visão em seus estudos. Como bem argumenta Ingold (2008), ao expor os trabalhos de três antropólogos, a ver, de Paul Stoller, em meio aos Songhay do Níger, de Anthony Seeger, cujo trabalho foi aqui explicitado, e de Alfred Gell, com os Umeda da Papua Nova Guiné, não há, na verdade, uma primazia da audição sobre a visão ou vice-versa, como tomado nesses trabalhos, mas sim a presença e a conjunção desses sentidos, inclusive dos demais, como o tato, o paladar, etc., no nosso modo de ser no mundo e de percebê-lo. Inclusive, seu argumento vai de encontro à crítica de que tais trabalhos operam na dualidade entre ver-ouvir fabricada pelo Ocidente nas sociedades modernas. Essa dualidade permeia as noções de que a visão é individual e distancia, isola, é fria, estática, está lá fora, enquanto a audição é social, calorosa, comunicativa, subjetiva, permite que o mundo ‘lá fora’ entre para

dentro do indivíduo, bem como saia, através da fala, para fora. Desse modo, tais etnografias estariam reforçando tal dualidade, por enquadrarem estes povos em uma experiência determinada de ‘ouvir’ e ‘ver’, enquanto, na verdade, estes conceitos vão muito além, e não captamos em que medida seriam entendidos como tais para os Kísêdjê (antigos Suyá), os Umeda ou os Songhay.

Com isso, Ingold, por meio de uma longa exposição de diferentes teorias a respeito da visão e da audição, aproxima-se da ideia de que na verdade as duas experiências são muito similares, chegando à noção sinestésica que temos de “ver com os ouvidos” e “ouvir com os olhos”. Para isso, percorre a ideia de que visão é ver a luz<sup>7</sup>, e, recorrendo à Merleau-Ponty, de que nós vemos *na* luz, enquanto seres que habitam o espaço visual em um mundo aberto e transparente à experiência subjetiva (*ibid.*: 26). Vemos assim no interior do mundo, ao passo que permeados por ele. Do mesmo modo ocorre com a experiência da audição. Por meio dos estudos de Zuckerkandl, Ingold explicita como a audição também penetra e é penetrada pelo mundo exterior, sendo uma experiência participativa e de imersão no mundo (*ibid.*: 27). O ouvir, bem como o ver, são então uma abertura do ser para o mundo. E é aí quando entendemos que as duas experiências são muito parecidas e se confundem e conjugam a partir de diversos exemplos. As experiências de ver e ouvir de pessoas cegas e surdas são um caso interessante, pois mobilizam outros sentidos como o tato, e proporcionam esse “ver com os ouvidos” e “ouvir com os olhos”. No nascimento, segundo Ingold, o bebê tem uma primeira visão do mundo ao abrir os olhos pela primeira vez, mas não o distingue como tal, com coisas e objetos. Por outro lado, ele vai apreendendo tais coisas pela audição, uma experiência anterior já existente na barriga da mãe, um “ver com os ouvidos”. Um outro exemplo, o de olhar para o céu, dado tanto por Merleau-Ponty quanto por Zuckerkandl também é interessante pois transpõe as duas experiências, em que nós captamos o céu como luz e o vemos como aquilo que é, o mundo “aberto” para nós, bem como o captamos como som, traduzindo a experiência de ouvir.

A experiência de ouvir um podcast não é diferente, já que ao ouvir, também vemos o que as convidadas e narradoras estão dizendo, relatando. Podemos inclusive sentir suas

---

<sup>7</sup> Aqui, ao analisar diversas teorias sobre a luz e o som, Tim Ingold questiona os conceitos sobre visão e audição e sua profundidade dada pelo Ocidente. Uma das teorias mais influentes, a de Descartes, separaria um mundo externo físico de um mundo interno da mente. No mundo externo, há a luz, aquilo a que os físicos denominam “lúmen”, cujos raios refletem nos nossos olhos e onde há um processo de ‘passagem’ do externo para o interno, para nossa mente, onde é formada a visão, a razão, e onde vemos “lux”, a luz da razão. Do mesmo modo, o som foi teorizado como fenômeno físico, isto é, como vibração, acústica, onda sonora, separado de um fenômeno mental, da percepção aurial. O que Ingold defende é que, na realidade, o processo de tradução, de interpretação da mente, do interno daquilo que é externo a nós, não possui tal divisão, mas que a visão e a audição são processos intermináveis, “um engajamento de mão dupla entre o receptor e seu ambiente” (*ibid.*: 17). Esta “passagem”, portanto, do externo para o interno, seria mais um “nexo crítico”, onde surgiria o que chamamos de “luz”- e “som”-, um fenômeno da experiência (*ibid.*).

palavras, seu discurso, de outras formas, seja tátil, se nos arrepiamos com uma fala, por exemplo, ou se sentimos o gosto ou cheiro de algo que se diz, seja de uma comida, de chuva, de mau cheiro, por exemplo. Isso tudo é possível pois os sentidos são indissociáveis e se intercambiam, graças à qualidade do nosso corpo em ser um todo conectado e em movimento, isto é, existente no mundo, no ambiente, onde realiza a atividade da percepção. Dessa forma, constatamos que a visão, a audição, o tato, o paladar, o olfato, e outros sentidos estão presentes também no trabalho de campo, pois “estamos lá”, como diria Cardoso de Oliveira, com nosso corpo inteiro.

## **4.2 Como aprender Antropologia pela escuta?**

No Mundaréu, as paisagens sonoras são as experiências de campo, de vida, as histórias e empreitadas contadas por antropólogas e interlocutoras. A formação de uma ambiência ou paisagem do lugar descrito ou da experiência relatada ocorre a partir dos efeitos sonoros utilizados, da música que é aquela que esteve presente no lugar visitado pela narradora, ou até mesmo de certos sons cotidianos que vez ou outra aparecem ao fundo da fala de alguém. É a partir disso que conseguimos adentrar no episódio e entender o que está sendo discutido ali. Daí, imaginamos as pessoas e suas relações e entendemos com maior facilidade um conteúdo, um conceito discutido e, por fim, o debate empreendido em sala de aula.

As respostas à pergunta, “Como a escuta é uma forma de aprender Antropologia, o que entendemos melhor pela audição?”, revelam, no geral, que através da escuta a antropóloga pode se aproximar de suas interlocutoras e acessar informações, histórias e ideias novas. É justamente nesta troca entre os dois sujeitos que se abre um campo semântico mutuamente compartilhado, permitindo uma interação mais horizontal e mais intensa. Somente a observação não proporcionaria uma conexão completa (Cardoso de Oliveira, 1996). A tarefa de conhecer o outro exige a interação e a troca, que são essencialmente subjetivas e acontecem também pela linguagem, símbolos e interpelações. A disciplina de “Introdução à Antropologia” se propunha a apresentar justamente essas formas de interação que se tornam base para a produção do conhecimento antropológico. Algumas respostas reúnem essa reflexão muito bem:

Pela escuta “...o antropólogo assume um papel na sociedade observada [...] e assim compreende os símbolos. A audição é a interação e posteriormente o resultado em forma de escrita [...]” (estudante de “Introdução à Antropologia”, da Turma “H”);

Pela escuta, o antropólogo pode chegar a respostas mais objetivas e até descobrir coisas das quais não foram perguntadas e que o entrevistado se pôs

a falar. A escuta é um caminho mais direto para apreender informações e fazer análises. (estudante de “Introdução à Antropologia”, da Turma “H”);  
Pela audição, somos capazes de entender melhor as motivações de certos grupos, pessoas ou tradições, devido ao fato de que a escuta demanda concentração e uma certa conexão entre os interlocutores. (estudante de “Introdução à Antropologia”, da Turma “H”);  
A escuta é uma maneira de aprender Antropologia pois, através dela, podemos horizontalizar a troca de informações entre pesquisador e pesquisado. (estudante de “Introdução à Antropologia”, da Turma “H”)

Concentração e conexão são as atividades que o escutar demanda e proporciona tanto na atividade de pesquisa, no “aprender em campo”, quanto no aprendizado de Antropologia, “no aprender em sala de aula”. A escuta é mais do que receber estímulos sonoros, é transformar estes estímulos em informação, em imagens, em imaginação. É um ouvir atento, que como bem sugere Vedana, ocorre dentro de uma ambiência sonora, isto é, um espaço cheio de simbolismos e formas expressivas (2010: 7), cujos sons, ruídos, ritmos, músicas e falas permitem com que cada participante em campo interprete o outro. Como bem sintetizou um estudante matriculado na disciplina de “Introdução à Antropologia”, quando o pesquisador e o entrevistado se tornam interlocutores de um discurso, eles criam um espaço semântico compartilhado por ambos, em que ocorre uma “fusão de horizontes”. Isso reforça o ato da escuta como forma de conexão e como possibilidade de criação de um campo semântico em que pesquisadora e pesquisada trocam visões de mundo e experiências. É propriamente a efetivação do “encontro etnográfico”.

Aí, novamente o ouvir pode complementar o olhar. É o que uma estudante comentou sobre o trabalho etnográfico: “A escuta complementa o olhar, já que nem tudo pode ser captado apenas pela observação”. Fomos assim percebendo, até aqui, que a visão também exerce seu papel. Campos (2020), em etnografia em uma Escola de Música da UFRJ, destaca não só o que pôde perceber através da audição, ali o principal sentido valorizado, considerando que estava em uma escola de música e sua pesquisa pretendia observar a formação de um regente de orquestra, mas também o que pôde ver quando assistia aos músicos tocando instrumentos diversos, com expressões faciais que denotavam sentimentos e sensações diversas. Também procurou interpretar como os próprios nativos utilizavam, além da audição, seus outros sentidos, abrangendo a visão e até o tato, por conta do contato com a materialidade do instrumento. No trabalho de campo, antropólogas/os também conjugam a todo momento diversos sentidos, seja na realização de atividades cotidianas, seja no aprendizado naquele meio. E este aprendizado cotidiano e extracotidiano é, como defende Ingold (2016), essencialmente antropológico, no qual sem a escuta, isto é, sem o ouvir atento, não seria possível uma abertura e um engajamento da pesquisadora no meio. Com isso, a escuta e os sentidos também

proporcionam o aprendizado de antropologia enquanto uma prática de educação, de correspondência, de co-imaginação, de atenção e engajamento (*ibid.*).

Cardoso de Oliveira (1996), no célebre texto “O trabalho do antropólogo: Olhar, ouvir, escrever”, inclusive utilizado em várias das disciplinas que visitamos, também discorre sobre essa conjunção entre *olhar* e *ouvir* no trabalho de campo. Em campo, quando “estamos lá”, conjugamos olhar e ouvir na interação chamada “observação participante”. Visualizamos a situação de determinada maneira, mas ao ouvirmos, alteramos e adensamos essa relação, produzindo um espaço semântico compartilhado por ambos e graças ao qual pode ocorrer a “fusão de horizontes” (*ibid.*: 21), como bem foi comentado pelo estudante acima. Já no que considera a “configuração final do produto desse trabalho” (*ibid.*: 22), isto é, o ato de escrever, a antropóloga (re)vive a experiência “estando aqui”, pois lembra-se do que viveu e recorre a seus arquivos, anotações, cadernos de campo, materiais fonográficos e etnográficos diversos que foram construídos “estando lá”. Ao reaccessar memória visual, auditiva e sinestésica em geral, pode novamente acessar o “lá” mesmo estando agora num “aqui” distante.

A atividade da escuta, ainda, nos leva à reflexão sobre o quanto as sonoridades incluem as diferenças. Visto que fisicamente o som é uma onda sonora que vibra através dos corpos e do ar e que se propaga no tempo de forma periódica, ou seja, através de uma frequência determinada — que pode ser também uma frequência irregular, inconstante, instável, produzindo ruídos, barulhos, manchas, rabiscos sonoros (Wisnik, 1989) —, podemos atestar, fisicamente, que nós *sentimos* o som e que este nos causa sensações, emoções e estabelece e é estabelecido por meio de relações com o outro, com o ambiente e com nós mesmos. Assim, perceber as sonoridades e ativar a escuta para histórias em campo, em sala de aula, em podcasts, é incluir no nosso aprendizado e em nossa experiência sensível aquilo que se distingue de nós e aquilo que nos aproxima dessas histórias, sensações e experiências. Conseguimos diferenciar sotaques, lugares, contextos, opiniões, cores, texturas, tensões, medo, raiva, tristeza, alegria, euforia, beleza, através da escuta dos sons e, ao realizar tal atividade, acrescentamos possibilidades de aprendizado através do sensível e da percepção, adensando nosso olhar antropológico para o mundo. Com isso, identificamos também o que nos une e engendra, conhecendo melhor o outro em seus diversos sentidos - e a nós, em tangência - e criando, em um espaço de imersão e presença nos sons e nas paisagens sonoras, uma relação de intimidade com os/as narradoras/interlocutores e suas histórias.

No contexto do uso do podcast na sala de aula, essas estudantes perceberam que ouvir é uma parte importante no aprender Antropologia. Fazer Antropologia é manter a escuta ativa, não apenas em campo, mas também em sala de aula e também nos momentos em que se

preparam antes de chegar à sala de aula ou depois dela, quando vão realizar tarefas de reforço dos conteúdos. O podcast, por sua vez, é esse meio que essencialmente treina a escuta ativa, tão essencial à atividade antropológica. Portanto, sugerimos aqui a importância do aprender Antropologia escutando: ele ocorre em campo, em sala de aula e em diversos outros lugares, também com o podcast. Este, ao aproximar a ouvinte das histórias das pessoas que experienciaram a pesquisa, esse envolvimento com o “outro”, acaba dando mais “cor”, vida e sentimento às histórias, aos textos, às teorias. Dessa forma, humaniza, sensibiliza e aproxima, podendo tornar mais didático, dinâmico, próximo e espontâneo o aprendizado de Antropologia.

## 5 Considerações Finais

Em nossos projetos, tanto na produção do *Mundaréu*, quanto na utilização deste podcast em aulas de Antropologia, fomos aprendendo que os sentidos estão sempre conjugados e nunca sozinhos ou separados na produção de nossa área de conhecimento. Eles estão presentes antes, durante e depois do trabalho de campo, bem como antes, durante e depois da sala de aula e, por isso, são parte intrínseca do fazer antropológico e da formação antropológica. Falar sobre som e sobre escuta constitui sempre uma tarefa de tentar descrever o que se ouve e, portanto, o que se *sente*, individualmente, a partir das experiências e estímulos sonoros, auditivos, enfim, sinestésicos do ambiente em que se está inserido. E isso não se limita aos sons do podcast em si, mas também aos outros sons à nossa volta, no ambiente físico que ocupamos, bem como no nosso corpo. Começamos a perceber como essas sensações na verdade não são individuais, mas formas coletivas de estarmos nos ambientes, de relaxarmos ou tensionarmos o corpo, de perceber nossas necessidades corpóreas, nossa capacidade de imersão, de focar nossa atenção e de aprender. Aprender com podcast é, assim, um processo autorreflexivo e propriamente inventivo. Proporcionar e promover essa reflexão nas turmas foi sem dúvida de grande importância para o processo de ensino-aprendizagem e de atender-se para a escuta.

Além disso, emerge aqui a noção de que a antropologia é, em si, uma prática educativa, como sugere Tim Ingold (2016). Ele critica o fato de que a Antropologia nunca considerou a sala de aula e o espaço acadêmico como um trabalho de campo em si e acredito que este trabalho coloca justamente a sala de aula como um campo privilegiado, no qual podemos perceber como a antropologia e suas práticas, como a observação participante, são (re)discutidas, (re)elaboradas e atualizadas. Segundo Ingold, a observação participante é propriamente uma prática de correspondência, uma prática de atenção e de atender, e atender no sentido de servir o outro, de esperar pelo que está por vir e de estar aberto a isso. É, desse modo, nas palavras de

Ingold, uma prática de engajamento e de co-imaginação de futuros possíveis. A Antropologia, nesse sentido, está ligada à capacidade de pensar em direção ao futuro, é uma posição e uma visão educadas em relação ao mundo, que o iluminam e o alargam (Ingold, 2016: 410). É por isso que a Antropologia se relaciona intrinsecamente à educação e ao trabalho em sala de aula. E aprender sobre os sentidos, a percepção e a relação de correspondência entre antropólogo e mundo foi aqui permeada pelo aprendizado da escuta, ao ativar e abrir os ouvidos, bem como ao estender essa percepção para o mundo.

Assim sendo, o aprendizado por meio dos podcasts também evidencia a versatilidade que esta mídia oferece durante o estudo, pois possibilita a conjugação de diversos sentidos em seu decorrer, como escrever e escutar, desenhar e escutar e realizar atividades paralelas que ajudem nessa concentração da escuta, além da chance de trocarmos impressões nas atividades formativas dentro da sala de aula, alargando nosso universo de conhecimento, sensações, experiências. De fato, constatamos tal versatilidade com os comentários das estudantes da Universidade de Brasília que receberam os episódios do *Mundaréu* em suas disciplinas. Esta pode ser uma ótima ferramenta pedagógica não apenas no contexto de aulas remotas e online, mas também de integrar ementas e programas de curso presenciais, com possibilidades de uso diversas, nas aulas, em casa, como estudo individual ou em grupo. Dessa maneira, o podcast propõe uma outra forma de aprender, que é conhecendo relatos de antropólogas e interlocutoras, treinando a escuta e permitindo-se alargar a imaginação sobre o que é e como fazemos a Antropologia.

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, Pablo de. O Imaginário do Rádio e o Podcast. *Comunicologia: Revista de Comunicação da UCB*, [s. l.], v. 4, n. 2, p. 84-106, 15 dez. 2011.
- BASTOS, Rafael José de. Esboço de uma teoria da música: para além de uma antropologia sem música e de uma musicologia sem homem. *Anuário Antropológico/93*, Rio de Janeiro, 1995.
- CAMPOS, T. de S. O Regente sem orquestra: Notas de uma etnografia da audição. *Vivência: Revista de Antropologia*, [s. l.], v. 1, n. 56, 2020.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 39, n. 1, 1996.
- FELD, Steven. Simpósio sobre sociomusicologia comparativa: Estrutura sonora como estrutura social. *Sociedade e cultura*, [s.l.], v. 18, n. 1, 2015 (1984).
- FLEISCHER, Soraya; MANICA, Daniela Tonelli. Ativando a escuta em tempos pandêmicos. In: GROSSI, Miriam Pillar; TONIOL, Rodrigo. (org.). *Cientistas sociais e o Coronavírus*. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2020. p. 47-51.
- HELMREICH, Stefan. Um antropólogo debaixo d'água: Paisagens Sonoras Imersivas, Ciborgues Submarinos e Etnografia Transdutora. *American Ethnologist*, [s. l.], v. 34, n. 4, p. 621-641, 2007. Trad. American Journal Experts.
- INGOLD, Tim. Pare, Olhe, Escute! Visão, Audição e Movimento Humano. *Ponto Urbe*, [Online], 2008. Acesso em: 6 mar. 2023. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/pontourbe/1925>>
- INGOLD, Tim. Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. *Educação*, [s. l.], v. 39, n. 3, p. 404-411, 2016.
- KASTRUP, Virgínia. A aprendizagem da atenção na cognição inventiva. *Psicologia & Sociedade*, [s. l.], 2004. v. 16, n. 3, p. 7-16.
- LUNDSTRÖM, M.; LUNDSTRÖM, T. Podcast ethnography. *International Journal of Social Research Methodology*, [s. l.], v. 24, n. 3, 2021.
- OLIVEIRA, Hugo Virgílio de. Antropo...o quê? O uso de podcast para descomplicar e ensinar Antropologia. *Novos Debates*, [s. l.], v.7, n. 1, p.1-9, 2021.
- PORTO, Adriana Corrêa Silva. Novas formas de comunicação sonora na cultura da convergência: os podcasts produzidos por fãs na narrativa transmídia. In: *Anais do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Universidade de Fortaleza, 3 a 7 de setembro de 2012.
- RIBAS, Pedro; NORONHA, Ana. Podcasts em sala de aula. *Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*, [s. l.], v. 9, n. 16, 2022.
- SCHAFER, R. Murray. *The Tuning of the World*. New York: Knopf, 1977.

SEEGER, Anthony. *Por quê cantam os Kîsêdjê: uma antropologia musical de um povo amazônico*. São Paulo: Cosac Naify, 2015 [1987].

VEDANA, Viviane. Territórios sonoros e ambiências: etnografia sonora e antropologia urbana. *Revista Iluminuras*, UFRGS, v. 11, n. 25, 2010.

WISNIK, José Miguel. *O Som e o Sentido: uma outra história das músicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005 (1989).